

Fundação acusada de corrupção

CARLOS SILVA

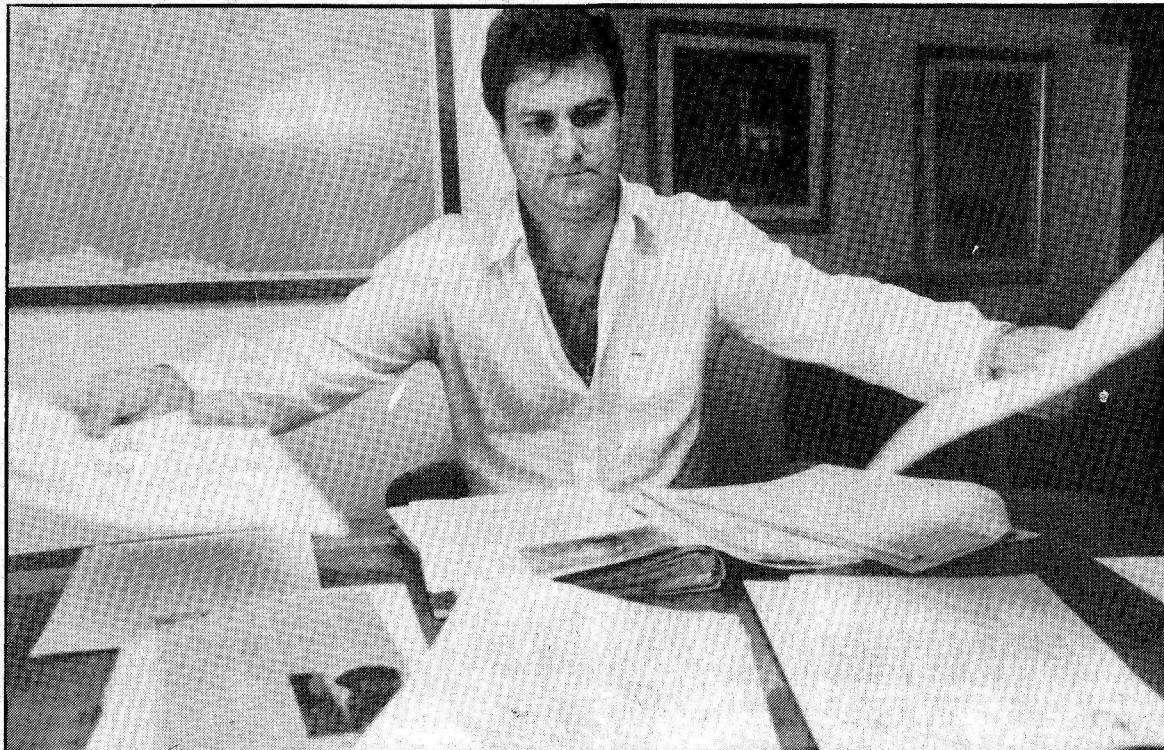
O diretor da Brasília — Comércio de Aparelhos de Anestesia Ltda., Reinaldo Lionço, negou ontem a acusação de que sua empresa teria vendido material cirúrgico sem entregá-lo à Fundação Hospitalar do Distrito Federal, esclarecendo que não trabalha com material cirúrgico, tampouco tem conseguido vencer qualquer licitação da FHDF, mesmo apresentando preços mais baixos. Na última delas, em março deste ano, sua equipe foi alertada por um funcionário do Hospital de Base de que quem venceria a concorrência seria outra firma, apesar do material em teste ser de excelente qualidade. Os resultados confirmaram a suspeita de favorecimento.

Reinaldo Lionço aproveitou para denunciar o privilégio de algumas empresas, que mesmo impossibilitadas de participar de processos licitatórios na Fundação continuam a assinar vultosos contratos. Denuncia também a discriminação da qual tem sido alvo a sua empresa nos últimos cinco anos, a irresponsabilidade geral das autoridades em relação à manutenção de equipamentos de anestesia nos hospitais da rede e até exigências que o Departamento de Tecnologia da FHDF faz às empresas, obrigando-as a fornecer segredos industriais que posteriormente são oferecidos à venda a terceiros como projetos originais daquele departamento.

De acordo ainda com o engenheiro econômico Reinaldo Lourenço, vice-presidente da Associação das Empresas de Equipamentos e de Material Médico, o governador Joaquim Roriz, o ex-secretário da Saúde, Valteno Ribeiro, e, provavelmente o secretário Milton Menezes, já tomaram conhecimento de situações que caracterizam a corrupção dentro da FHDF e de outras que colocam em risco a vida da população, mesmo assim, nada foi feito para mudar esse quadro. Documento nesse sentido foi entregue, em outubro do ano passado, ao governador Joaquim Roriz. "O ex-secretário Valteno Ribeiro leu o documento e achou tudo um abuso, iniciou as apurações mas foi afastado do cargo".

A LICITAÇÃO

A Brasília Anestesia, apesar de discriminada, não ficou de fora do processo licitatório nº 06100625/89, da FHDF, de março deste ano. Na tomada de preços, para adiadas gessadas diversas,



Reinaldo Lionço denuncia o favorecimento de empresas em licitações da Fundação Hospitalar

a Brasília Anestesia apresentou preços mais baixos nos itens 8, 9, 10 e 11, com uma diferença de 30 a 50 por cento para o segundo concorrente. O material foi colocado à disposição para testes no Hospital de Base, só que, durante os testes, o funcionário Edson Alves de Oliveira, encarregado do gesso no HBB, disse que o produto era de excelente qualidade mas a licitação já estava armada. A Brasília recorreu contra o resultado do processo e teve o recurso indeferido pela Comissão de Licitação em 28 de março.

Nos itens 8, 9 e 10, a Comissão considerou melhor a proposta da Reprovan, que apresentou respectivamente os preços 0,72, 0,87 e 1,09, contra os da Brasília Anestesia que eram de 0,50, 0,63 e 0,75, respectivamente. No item 11 venceu o fornecedor MY, que ofereceu o seu produto a 1,90, contra o preço 1,39 indicado pela Brasília Anestesia. Diante da situação, Reinaldo Lourenço pediu à FHDF que tivesse o produto em todos os hospitais da rede, fornecendo caixas de amostras. Nunca obteve respostas.

Reinaldo informou que, enquanto isso, a FHDF assina contratos

vultosos com empresas que legalmente estão impedidas de participar de licitações naquele órgão. "Na última reunião da Associação das Empresas de Equipamentos e Material Médico, da qual faço parte, a pauta da reunião foi alimentada pelo caso da Sainel. A empresa, impedida desde o ano passado de fornecer material à Fundação, por falhas na venda de seringas, assinou um contrato de mais de um milhão de dólares com a Fundação, há poucos dias. O presidente da Associação Roberto Grossi ficou incumbido de levar o fato ao secretário de Saúde, Milton Menezes".

"Em 1987", continua Reinaldo, "quando a Fundação comprou, através do processo 061.008.191/87, da Brasília Anestesia, Células de Analisador de Oxigênio, exigiu garantia de um ano, sendo que nem o fabricante nos dá essa garantia". Tivemos que substituir várias células, ficando em prejuízo", afirmou. Só que, segundo ele, um de seus técnicos detectou o uso inadequado de uma célula e alertou o HRS. Em resposta veio uma carta do médico Eduardo Pinheiro Guerra considerando absurda a avaliação do técnico.

Pouco tempo depois, do mesmo hospital veio um pedido à Brasília Anestesia para que recalibrasse um vaporizador para uso em anestesia que estava com glicerina líquida, "o que podia matar", diz o dono da empresa. "Como a glicerina foi parar no vaporizador, não sabemos, mas foi por negligência ou por má-fé e deveria ter resultado, no mínimo, na demissão do responsável. O pedido sugeriu que nada ficasse registrado", salientou. A Brasília fez o reparo, mas documentou o ocorrido.

O Departamento de Tecnologia da FHDF, segundo Reinaldo Lionço, exige dos fornecedores manuais de operação esquemas e desenhos que mostrem o desempenho e o funcionamento das máquinas com detalhamento de todo o material. "Quando iniciamos um programa para fabricação de camas hospitalares, o vice-diretor Osvaldo Bertulino nos apresentou um projeto como sendo do departamento, só que conhecímos o material que era de outras empresas, percebemos o plágio e não aceitamos", explica Reinaldo.